

ÁLVARO GARRIDO

FAINAS

EPIC FISHING ON THE PORTUGUESE SEA

ÉPICAS DO MAR PORTUGUÊS

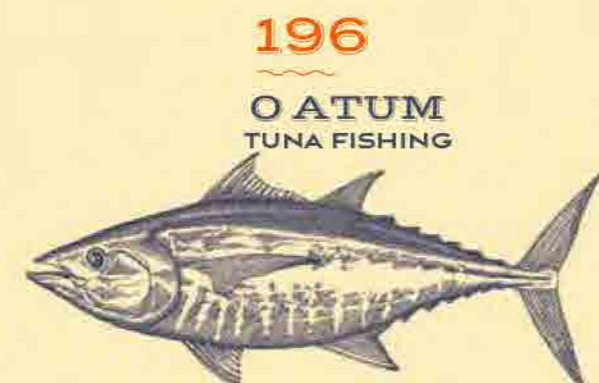
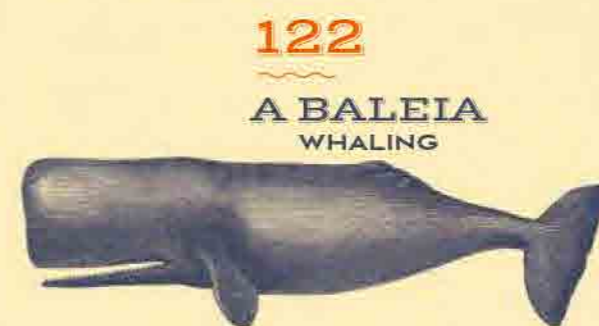


08
INTRODUÇÃO
INTRODUCTION

14 
**1 O NOSSO MAR
RECURSOS E
GEOCULTURA**
OUR SEA
RESOURCES AND GEOCULTURE

40 
**2 PEQUENA E
GRANDE PESCA**
BIG FISHING AND
SMALL-SCALE
FISHERIES

60 
**3 AS GRANDES
FAINAS**
THE GREAT
CAMPAIGNS




274
CONCLUSÃO
CONCLUSION

282
**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**
BIBLIOGRAPHY

286
O AUTOR
THE AUTHOR

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION



Caça à baleia, Açores, Portugal, 1982.
Whaling, The Azores, 1982.



A cultura do mar é um conceito fugidivo, que pouco se define e pratica pela simples razão de que são frágeis e intermitentes os laços que a sociedade portuguesa estabelece com o mar e com as coisas do Oceano. Creio que em Portugal nunca se fez um inquérito identitário que realmente apure o estado da nossa relação coletiva com o *mar* – entidade concreta e meramente simbólica, ao mesmo tempo, uma espécie de *tudo ou nada* da identidade portuguesa. Embora nos falte essa informação, que seria importante apurar para podermos verificar que mudanças ocorreram nas perceções dos portugueses sobre os assuntos do mar, não há dúvida de que as práticas sociais relacionadas com o mar, ou os usos do mar, perderam alguma centralidade e expressão na vida económica e social portuguesa. Tudo indica que os imaginários do mar também mudaram durante as últimas décadas e que, paulatinamente, a ideia de Oceano (ou de «Oceanos», enquanto entidade física integrada, mas diversa) se sobrepôs à ideia soberana de Mar (ou de Mares), transição que tem sido socializada pela Ciência e na qual a Expo'98 teve um papel precursor. Seja como for, há que interpretar e compreender o sentido das novas perceções que, entretanto, surgiram; que instituições ou iniciativas foram determinantes na socialização de novas práticas sociais; que papel têm desempenhado a Ciência e a Cultura, a Academia e os Museus, entre outras instituições que trabalham a memória do mar e que atuam como mediadores entre os homens e mulheres do mar e a comunidade em geral.

Sea culture is a fleeting concept, little defined and practised for the simple reason that Portuguese society's ties with sea and ocean matters have been fragile and intermittent. I believe that there has never been an identity inquiry in Portugal to really investigate the state of our collective relationship with the sea – a concrete and merely symbolic entity, at the same time as being a sort of *all or nothing* of Portuguese identity. Although we lack this information, so important in verifying what changes have taken place in Portuguese perceptions of sea matters, there is no doubt that social practices related to the sea, or the uses of the sea, have lost some centrality and expression in Portuguese economic and social life. Moreover, everything indicates that the way the sea is imagined has also changed during recent decades and that, gradually, the idea of the ocean, or 'oceans', as an integrated but diverse physical entity) has superseded the sovereign idea of the sea, or seas: a transition that has been socialized by science and in which Expo'98 played a pioneering role. Be that as it may, we need to understand the meaning of recently emerged perceptions. What institutions or initiatives have been decisive in the socialization of the new social practices? What role have Science and Culture, the Academy and Museums played, among other institutions working on the memory of the sea, and that mediate between men and women of the sea and the community in general?



O NOSSO MAR
**RECURSOS E
GEOCULTURA**

OUR SEA
RESOURCES AND GEOCULTURE



© Artur Pastor

Venda de peixe na praia de Sesimbra, anos 40.
Arquivo Municipal de Lisboa.
ART001438
Selling fish on Sesimbra beach in the 1940s.

São incertas as origens da expressão «mar português». Tal como ele aparece em Pessoa e Camões, o conceito começa por ser literário, não mais do que uma imagem poética. No entanto, a ideia de «mar português» não deixa de ser, ao mesmo tempo e com horizontes espaciais que mudaram ao longo do tempo, uma referência com traços de geopolítica. Ou mesmo um conceito jurídico, se o quisermos tomar numa perspetiva mais normativa ou tecnocrata, tal como ele aparece, por exemplo, no discurso que rodeia o processo de alargamento da plataforma continental portuguesa, que decorre nas Nações Unidas desde 2009. Tomando apenas a acepção jurídica e geopolítica do conceito — recalcando, pois, a metáfora literária que lhe está na origem —, importa reconhecer que a ideia de «mar português» é uma construção histórica cujas mudanças de amplitude e de entendimento sempre acompanharam a evolução dos regimes de governação do Oceano e as mudanças no Direito do Mar. Atualmente, o conceito é fácil de definir e de delimitar. O «mar português» que decorre da Lei do Mar que Portugal ratificou em 1997 tem traduções jurídicas precisas e delimitações geográficas que invocam a lógica soberana dos Estados costeiros, cujos direitos de jurisdição se estendem da terra para o mar. A Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar consagrou quatro áreas de jurisdição nacional: o mar territorial de 12 milhas, a zona contígua de 24 milhas, a Zona Económica Exclusiva de 200 milhas e a plataforma continental. Juridicamente falando, é este o espaço físico tridimensional do mar português que hoje temos, ainda que aquele que invocamos seja outro e remeta para escalas e imaginários passados.

The origins of the expression 'Portuguese sea' are uncertain. Appearing in Camões and Pessoa, it began as a literary concept; no more than a poetic image. However, the idea of the 'Portuguese sea' has, at the same time and with spatial horizons that have changed over time, geopolitical traces. It can even be seen as a legal concept, if we want to take it from a more normative or technocratic perspective: in the discourse surrounding the Portuguese continental platform enlargement process, for example, which has been ongoing at the United Nations since 2009. Taking only the concept's legal and geopolitical meaning — repressing the literary metaphor at its origin —, it is important to recognize that the idea of the 'Portuguese sea' is a historical construction whose changes in amplitude and understanding have always accompanied the development of Ocean governance regimes and changes in the Law of the Sea. Currently, the concept is easy to define and delimit. The 'Portuguese sea' that comes from the Law of the Sea ratified by Portugal in 1997 has precise legal translations and geographic delimitations invoking the sovereign logic of coastal states, whose jurisdictional rights extend from land to sea. The United Nations Convention on the Law of the Sea enshrines four areas of national jurisdiction: the 12-mile territorial sea, the 24-mile contiguous zone, the 200-mile Exclusive Economic Zone and the Continental Shelf. Legally speaking, this is the three-dimensional physical space of the Portuguese sea that we have today, even though the one we invoke is another and refers to former scales and imagery.

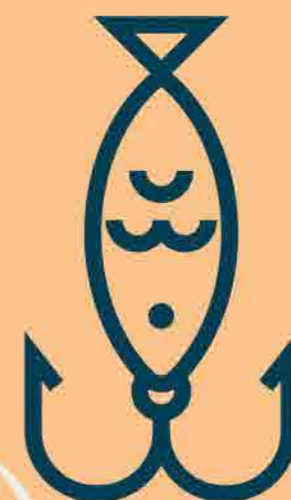
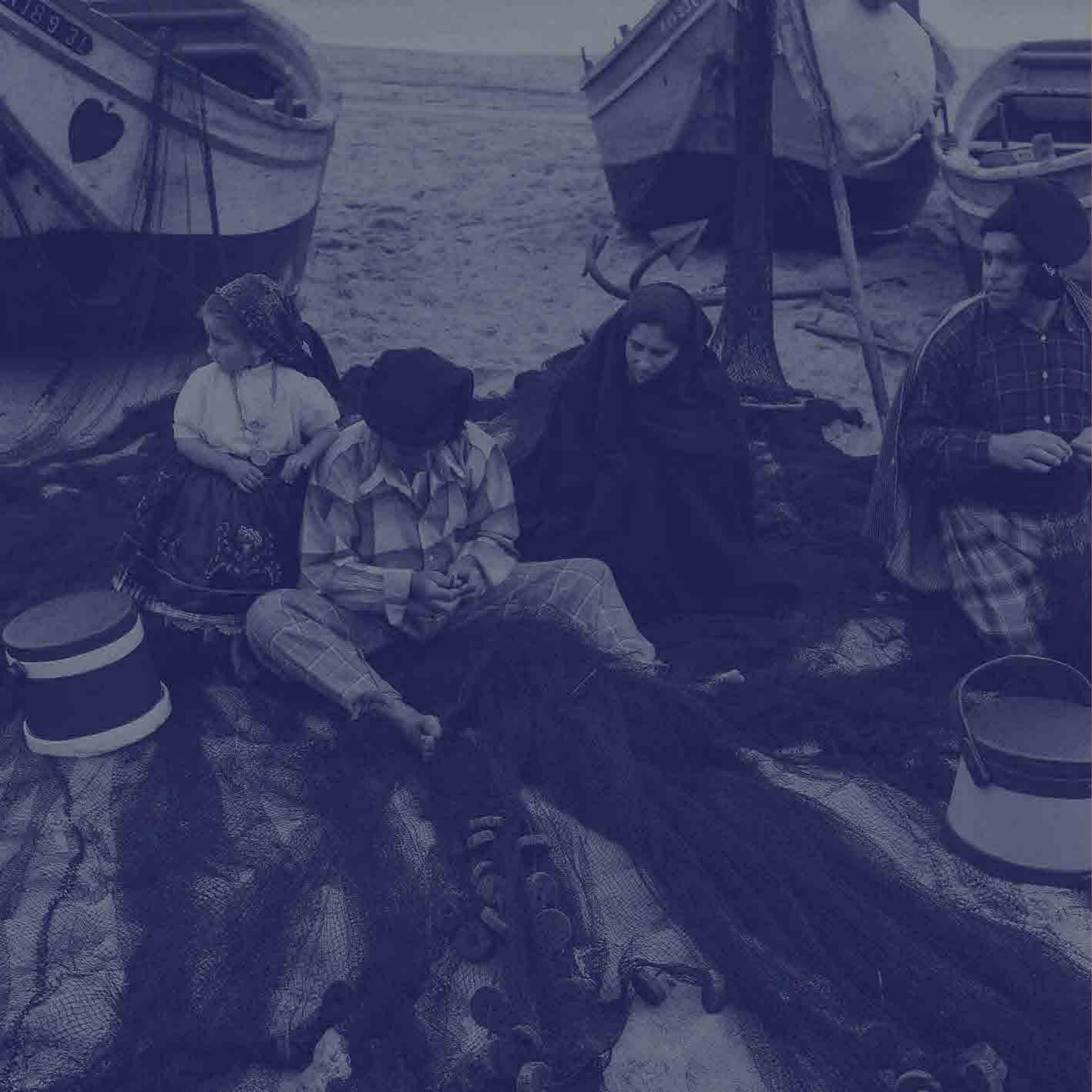
À espera dos barcos.
 Óleo s/ tela, de João Marques de Oliveira, 1892.
 Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado / DGPC
Waiting for the Boats.
 Oil on canvas by João Marques de Oliveira, 1892.



© Carlos Monteiro/DGPC/AIF

A familiaridade com o mar é um hábito recente que se confunde com a inclinação das sociedades, do trabalho e do próprio lazer, para o litoral e para a ocupação das bordas marítimas (Corbin, 2019). Essas aproximações ao litoral só se difundiram como práticas sociais comuns na segunda metade do século XIX. Foi então que a coabitação de pescadores e banhistas nas praias e enseadas litorais despertou toda uma produção literária e pictórica sobre a vida marítima, que trouxe consigo um interesse inédito pelas grandes fainas do mar. Foi uma verdadeira descoberta do litoral e da vida marítima, que inspirou grandes narradores, as artes e a própria ciência. Mesmo em plena modernidade, já nos séculos XIX e XX, os portos de pesca de menor dimensão eram lugares rurais cujos poderes e domínio fiscal e territorial pertenciam às circunscrições senhoriais (Mollat, 1995: 177). Durante muito tempo, numa tendência que persiste nas comunidades marítimas afastadas dos grandes centros urbanos, as invocações do mar e das fainas das rias e estuários eram bucólicas e pouco distintas de um certo ruralismo folclorista. Boa parte da pintura portuguesa sobre as lides do mar reflete essa abordagem e reproduz esse naturalismo de gosto burguês; falta-lhe o traço de romantismo, a tempestade e a fúria do mar que vemos nas pinturas de William Turner, por exemplo. Mesmo num quadro de Silva Porto ou de João Vaz — seguramente dos melhores pintores das praias portuguesas na viragem para o século XX —, os coletivos piscatórios, as mulheres e os barcos varados na areia compõem retratos melancólicos e de falsa harmonia.

Familiarity with the sea is a recent habit confused with the inclination of societies, work and leisure itself, towards the coast and towards the occupation of maritime borders (Corbin, 2019). These approaches to the coast only became widespread as common social practices in the second half of the 19th century. It was then that the cohabitation of fishermen and bathers on the beaches and coastal inlets awakened a whole literary and pictorial production on maritime life, which brought with it an unprecedented interest in the great sea campaigns. It was a true discovery of the coast and maritime life, which inspired great writers, the arts and science itself. Even in full modernity, already in the 19th and 20th centuries, the smaller fishing ports were rural places whose fiscal and territorial powers and domain were in seigneurial hands (Mollat, 1995: 177). For a long time, in a trend that persists in maritime communities far from large urban centres, the invocations of the sea and the fishing done in river mouths and estuaries were bucolic and little different from a certain folklorist ruralism. Much of the Portuguese painting on the toil of the sea reflects this approach, reproducing this bourgeois taste for naturalism. It lacks the streak of romanticism, the storm and fury of the sea that we see in Turner's paintings, for example. Even in works by Silva Porto or João Vaz — surely two of the best painters of Portuguese beaches at the turn of the 20th century — fishing groups, women and beached boats are melancholic portraits with a sense of false harmony.



**PEQUENA E
GRANDE PESCA**

BIG FISHING AND SMALL-SCALE FISHERIES



PEQUENA E GRANDE PESCA

BIG FISHING AND SMALL-SCALE FISHERIES

No atual movimento de reconversão da economia do mar, as pescas e o seu rasto de cultura, a memória social da vida marítima e os seus traços narrativos são uma presença ausente. Nos tempos mais recentes, a rejeição da velha relação historicista de Portugal com o mar, que durante séculos assentou num «direito de mar livre» e nas rotas mercantis do império, teve início com a Expo'98 e encontrou uma sequência coerente no trabalho da Comissão Estratégica dos Oceanos, criada em 2003. Num processo que ainda não está concluído, o esforço científico e diplomático de delimitação e alargamento dos espaços de jurisdição marítima nacional tem renovado a geopolítica do mar português. No entanto, declarou-se uma economia do mar eminentemente prospetiva, cuja cadeia de valor reserva uma importância residual para a pesca — não tanto para a fileira do pescado, incluindo aqui a aquacultura.

As duas perspetivas referidas, a «velha» e a «nova» economia do mar, parecem incompatíveis e acomodam visões distintas das pescas. Por um lado, a visão económica do antigo país marítimo, ancorada na pesca longínqua, nos transportes marítimos coloniais e na construção naval; por outro, a economia da nação oceânica global, assente na exploração de bens e serviços proporcionados pelos ecossistemas marinhos e costeiros. No atual processo de alargamento da Plataforma Continental, projeta-se uma economia marítima nova, uma «economia azul» assente na exploração de recursos do solo e subsolo marinhos, relegando as atividades económicas dependentes da coluna de água para um plano secundário.

In the current movement to reconvert the economy of the sea, fishing and its cultural trail, the social memory of maritime life and its narrative traces are an absent presence. In more recent times, the rejection of the old historicist relationship between Portugal and the sea, which for centuries was based on a 'right to free sea' and on the mercantile routes of the empire, began with Expo'98 and found a coherent sequence in the work of the Comissão Estratégica dos Oceanos (Strategic Ocean Commission), created in 2003. In an ongoing process, the scientific and diplomatic efforts to delimit and expand the areas of national maritime jurisdiction have renewed the geopolitics of the Portuguese sea. However, an eminently prospective sea economy has been declared, whose value chain has a residual importance for fishing — the fish sector, including aquaculture.

The two perspectives mentioned, the 'old' and the 'new' maritime economy, seem incompatible due to their different views on fisheries. On the one hand, the economic vision of the former maritime country, anchored in distant fishing, colonial maritime transport and shipbuilding; on the other, the economy of the global oceanic nation, based on the exploitation of goods and services provided by marine and coastal ecosystems. In the current process of widening the Continental Shelf, a new maritime economy is projected, a 'blue economy' based on the exploitation of marine soil and subsoil resources, relegating economic activities dependent on the water column to a secondary level.



© Nelson Cruz

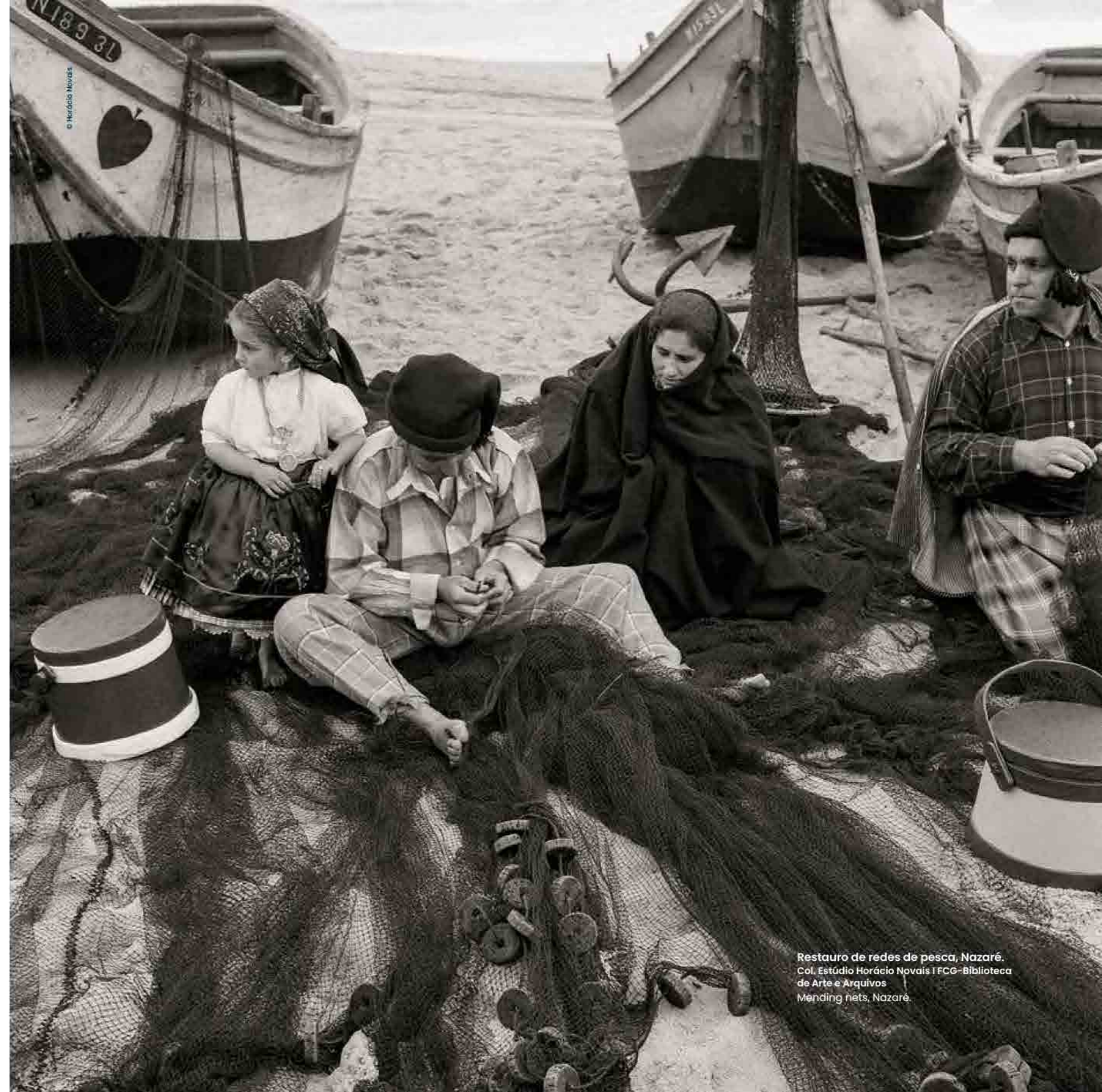
Calafate, Álvaro Machado.
Amora, Seixal.
Câmara Municipal do Seixal
Caulker, Álvaro Machado.
Amora, Seixal.

No século XVIII, problemas de abastecimento de pescado atribuídos a desvios de comércio — a ultrapassagem da Inglaterra pela França no acesso ao bacalhau da Terra Nova —, e as medidas pombalinas para fixar os pescadores no Reino e chamar à Coroa os fluxos comerciais de peixe fresco e salgado despertaram o interesse dos primeiros economistas. Umhas poucas *Memórias* sobre a pesca e os métodos de salga divulgam soluções práticas e inspiram políticas de ordenamento estatal das pescarias. O primeiro liberalismo económico incitou alguns académicos a defenderem a liberdade de comércio de pescado de forma a combater a dependência do bacalhau importado.

Na segunda metade do século XVIII, as migrações sazonais de pescadores de Ovar, Murtoosa e Ílhavo para sul, feitas em barcos de mar no encaço de praias e varadouros que lhes garantissem a sobrevivência, ficaram documentadas e ainda alimentam imaginários de diáspora. Esse impulso da pesca por artes novas, oriundas da Catalunha e difundidas na Galiza e na costa de Aveiro desde meados do século XVIII, multiplicou as disputas e conflitos, mas gerou as primeiras reflexões de natureza ambiental sobre a sazonalidade da pescaria e a sua escassez. As artes novas, vulgarmente designadas por xávegias, eram redes envolventes de arrasto, de cercar para terra, que exigiam grande número de braços. Operam através de uma rede de saco provida de asas laterais. Ainda hoje se usam em diversas praias da costa de Aveiro, de Espinho a Mira e noutras praias a sul do cabo Mondego, debaixo de uma surda controvérsia entre os que fustigam os seus efeitos ambientais e os que defendem as suas vantagens para a cadeia de valor do turismo.

In the 18th century, fish supply problems led to trade diversion — France's overtaking of Britain in the race for Newfoundland cod — and the Pombaline measures to secure fishermen in the kingdom and bring flows of fresh and saltwater fish trade to the Crown aroused the interest of early economists. A few memoirs on fishing and salting methods provided practical solutions and inspired State fishery management policies. The first economic liberalism incited some academics to advocate the free trade of fish in order to combat dependence on imported cod. In the second half of the 18th century, the seasonal migrations of fishermen from Ovar, Murtoosa and Ílhavo to the south, made in sea boats following beaches and safe havens that would guarantee their survival, were documented and still fuel diaspora imagery.

This boost given to fishing by a new technique, originating in Catalonia and widespread in Galicia and on the coast of Aveiro since the mid-18th century, multiplied disputes and conflicts, but generated the first reflections of an environmental nature on fishing's seasonality and the scarcity of fish. The new technique, commonly known as trawling, involved dragging large sack nets provided with side wings to the shore, and required a large number of hands. They are still used today on several beaches along the Aveiro coast, from Espinho to Mira and on other beaches south of Cape Mondego: the subject of determined debate between those who criticize their environmental effects and others who stress their advantages for the tourism value chain.



Restauro de redes de pesca, Nazaré.
Col. Estúdio Horácio Novais | FCG - Biblioteca
de Arte e Arquivos
Mending nets, Nazaré.

Um dos paradoxos históricos das pescas em Portugal reside na incoerência entre uma política de pescas orientada para a gestão das pescas longínquas e as realidades de uma frota nacional composta, sobretudo, por embarcações da pequena pesca.

No conjunto de Estados que hoje compõem a União Europeia, Portugal é aquele que mais depende de capturas obtidas no exterior para o abastecimento do mercado interno. Destacam-se o bacalhau (Atlântico Norte) e a pescada (Sudeste Atlântico). A pesca longínqua portuguesa é ainda composta por trinta navios: arrastões pela popa, palangreiros e camaroeiros. Operam na zona NAFO, fora das duzentas milhas do Canadá, na NEAFC, fora das duzentas milhas da Islândia, e ainda na zona económica exclusiva da Noruega, no arquipélago de Svalbard e ao largo de Moçambique. No entanto, a atividade pesqueira desenvolvida nas nossas águas de jurisdição teve, desde sempre, a maior relevância social e económica para as comunidades litorâneas.

Os constrangimentos do meio natural explicam esse paradoxo. O facto de Portugal dispor de uma plataforma continental relativamente estreita e pobre de recursos e o facto de as águas de jurisdição nacional estarem numa zona do Atlântico de baixa produtividade natural sempre limitaram o desenvolvimento da pesca costeira. No entanto, é certo que a pequena pesca, muito versátil e dirigida a um grande número de espécies, funciona como reservatório ocupacional. Em períodos de refluxo dos direitos de acesso a águas exteriores, é à pequena pesca que muitos pescadores voltam.

One of the historical paradoxes of Portuguese fisheries is the inconsistency between a policy geared towards the management of distant fisheries and the realities of a national fleet made up, above all, of small-scale fishing boats. In the group of States making up the European Union today, Portugal depends most on catches obtained abroad to supply the internal market, especially in terms of cod (North Atlantic) and hake (Southeast Atlantic). Portuguese long-distance fishing still comprises thirty vessels: stern trawlers, long liners and shrimp boats. They operate in the NAFO area, outside Canada's two hundred mile zone; in the NEAFC, outside Iceland's two hundred mile zone; as well as in Norway's exclusive economic zone in the Svalbard archipelago; and off Mozambique. However, the fishing activity carried out in our waters under jurisdiction has always had the greatest social and economic importance for coastal communities. The constraints of the natural environment explain this paradox. The fact that Portugal has a relatively narrow and resource-poor Continental Shelf, together with the fact that the waters under national jurisdiction are in an area of the Atlantic with low natural productivity, has always limited the development of coastal fishing. However, it is certain that small fishing, which is very versatile and aimed at a large number of species, works as an occupational reservoir. In periods when access rights to external waters are more difficult, it is to small-scale fishing that many fishermen return.

Estas realidades contraditórias explicam a especialização precoce das pescas nacionais e o facto de as duas maiores frotas, em tonelagem e potência, terem sido as do bacalhau e da pescada, espécies cuja produção se destina ao mercado interno. Historicamente, essa especialização gerou uma forte dependência desses recursos e explica a vulnerabilidade das pescas longínquas diante de fatores externos em mudança, relacionados com os direitos de acesso.

These contradictory situations explain the early specialization of national fisheries and the fact that the two largest fleets, in tonnage and power, were those of cod and hake, species destined for the internal market. Historically, this specialization has generated a strong dependence on these resources and explains the vulnerability of distant fisheries to changing external factors related to access rights.

Tríptico O Marinheiro.
Óleo s/ tela, de Constantino Fernandes, 1913.
Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado / DGPC
The Sailor Triptych.
Oil on canvas by Constantino Fernandes, 1913.





**AS GRANDES
FAINAS**

THE GREAT CAMPAIGNS





A memória lendária da *white fleet* e a saga dos pescadores-marinheiros a bordo dos pequenos dórís são as imagens centrais da mitologia nacional e internacional que se construiu em torno da pesca do bacalhau por homens e navios portugueses. Essas imagens míticas incluem aspectos épicos e dramáticos que a propaganda do Estado Novo difundiu além-fronteiras, convertendo a sua estratégia de comunicação num elemento de diplomacia económica e de reprodução da ordem social (Garrido, 2010: 235-248).

The legendary 'white fleet' and the saga of the fishermen-sailors aboard the small dories are the central images of the national and international mythology built around the cod fishing of Portuguese men and ships. These mythical images include epic and dramatic aspects that *Estado Novo*³ propaganda spread across borders, converting its communication strategy into a feature of economic diplomacy and reproduction of the social order (Garrido, 2010: 235-248).

³ The *Estado Novo*, or the "New State", was the dictatorial regime governing Portugal from the early 30s to 1974.

Independentemente dos seus aspetos contemporâneos e da memória social que deixou em diversos países e regiões europeias, a pesca e o consumo de bacalhau do Atlântico (seco ou salgado seco) nos países da Europa do Sul e mediterrânica são uma invenção mercantil da Época Moderna. Desde que os grandes bancos da Terra Nova foram descobertos e explorados regularmente por navegadores e comerciantes portugueses, bascos, franceses e das ilhas britânicas, em finais do século xv, grandes frotas de navios aprestados em portos europeus — de início, também baleeiros — dirigiam-se todos os anos para o Atlântico Noroeste, a 1800 milhas náuticas de distância, para pescar bacalhau. Os testemunhos e alegorias de uma pescaria infinitamente abundante, a facilidade de conservação do peixe e a eficácia das redes de negócio protagonizaram uma revolução alimentar sem precedentes. As prescrições católicas de jejum e abstinência, a escassez de peixe fresco do mar e a pobreza proteica de uma dieta alimentar de raiz medieval explicam a adoção do bacalhau como produto alimentar comum na Europa mediterrânica e cristã. No século xix, em plena era industrial e num momento em que o consumo de bacalhau crescia por toda a Europa, Alexandre Dumas inscreveu o mito da abundância de bacalhau num célebre livro de cozinha: «Já se calculou que, se nenhum acidente impedisse a incubação dos ovos de bacalhau e se cada ovo atingisse a maturidade, só seriam precisos três anos para encher o mar. Assim, seria possível atravessar o Atlântico a pé, caminhando sobre o dorso dos bacalhaus». (A. Dumas, *Le Grande Dictionnaire de Cuisine*, 1873).

Regardless of its contemporary aspects and the social memory it has left in several European countries and regions, the fishing and consumption of Atlantic cod (dry or dry salted) in Southern and Mediterranean European countries are a Modern Period mercantile invention. Since the great banks of Newfoundland were discovered and regularly exploited by Portuguese, Basque, French and British navigators and merchants, at the end of the 15th century, large fleets of ships prepared in European ports — initially also whalers — have headed every year to the Northwest Atlantic, 1800 nautical miles away, to fish for cod.

The testimonies and allegories of an infinitely abundant fishery, fish conservation being so easy and the efficiency of business networks led to an unprecedented food revolution. The Catholic prescriptions of fasting and abstinence, the scarcity of fresh fish from the sea and the protein poverty of a diet with medieval roots explain the adoption of cod as a common food product in Mediterranean and Christian Europe. In the 19th century, in the middle of the industrial age and at a time when cod consumption was growing throughout Europe, Alexandre Dumas set down the myth of cod abundance in a famous cookbook: "It has already been calculated that if no accident prevented incubation of cod eggs and if each egg reached maturity, it would only take three years to fill the sea. Thus, it would be possible to cross the Atlantic on foot, walking on the backs of the cod" (Alexandre Dumas, *Le Grande Dictionnaire de Cuisine*, 1873).



Mais do que um recurso biológico em si mesmo, o bacalhau salgado seco é uma conserva e um concentrado de proteína animal de altíssima produtividade. Não por acaso, a diversidade semântica das expressões que o designam em diversas línguas reflete muito mais a forma de o processar e conservar do que nos diz sobre a história natural e a ictiologia do peixe. *Bacalhau* (português), *morue* (francês), *baccalà ou stoccafisso* (italiano), *kabeljau ou stockfisch* (alemão), *bakailaoa* (basco), são expressões eloquentes que evocam injuntivamente as técnicas de pesca e o tipo de cura. Num ou noutro caso, os vocábulos também refletem os processos de mediação mercantil, as formas de consumo e o gosto alimentar das populações.

A pesca do bacalhau no Atlântico Noroeste (ao largo da ilha da Terra Nova e junto à costa da península do Labrador) a partir de portos portugueses conheceu ciclos irregulares. Historicamente, estima-se que, em média anual, o bacalhau pescado por navios portugueses nunca tenha excedido os dez por cento do consumo do mercado interno português. Nas colónias africanas, mesmo entre a população branca dos colonos, nunca o consumo de bacalhau foi expressivo. A expressão identitária do bacalhau e o seu estatuto cultural na sociedade portuguesa assentam, sobretudo, no hábito alimentar e na prática social do consumo, mas também na memória lendária, amiúde épica, das campanhas bacalhoeiras mais e menos ancestrais.

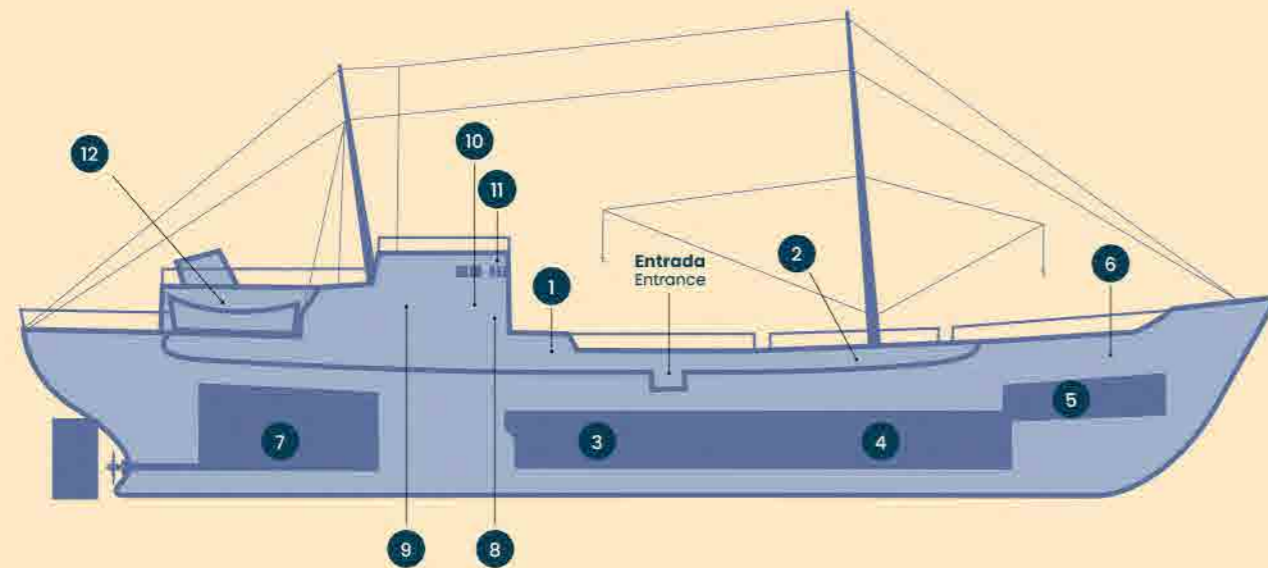
More than a biological resource in itself, dry salted cod is a conserve and concentrate of animal protein with very high productivity. It is not by chance that the semantic diversity of expressions that designate it in different languages reflects much more on the way of processing and preserving it than telling us about the natural history and ichthyology of the fish. *Cod* (UK English) *codfish* (USA English), *bacalhau* (Portuguese), *morue* (French), *baccalà or stoccafisso* (Italian), *kabeljau or stockfisch* (German), *bakailaoa* (Basque) are eloquent expressions injunctively evoking fishing techniques and the type of curing. In either case, the words also reflect the processes of commercial mediation, the forms of consumption and the population's taste for food.

Portuguese cod fishing in the Northwest Atlantic (in the offshore of Newfoundland and along the coast of the Labrador Peninsula) has experienced irregular cycles. Historically, it is estimated that, on an annual average, cod caught by Portuguese vessels has never exceeded ten percent of consumption in the Portuguese domestic market. In the African colonies, even among the white colonial population, the consumption of cod was never particularly high. Although cod's identifying expressiveness and its cultural status in Portuguese society are largely based on eating habits and the social practice of consumption, there is also the legendary, often epic, memory of the near ancestral cod campaigns.

Venda de bacalhau na Casa Terra Nova, em 1966.
Arquivo Municipal de Lisboa
SER013277

Dried cod on sale at Casa Terra Nova, in 1966.

NAVIO-MUSEU SANTO ANDRÉ
SANTO ANDRÉ SHIP-MUSEUM
FISHING OPERATIONS



- | | | |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| 1 Guincho
Winch | 5 Paiol de redes
Storeroom | 9 Sala de jantar
Mess |
| 2 Parque de pesca
Deck pond | 6 Camaratas de proa
Bow quarters | 10 Camarote do comandante
Captain's cabin |
| 3 Porão de Salga
Salting hold | 7 Casa das máquinas
Engine's room | 11 Ponte de comando
Bridge |
| 4 Porão de Congelados
Frozen hold | 8 Cozinha
Galley | 12 Enfermaria
Sick Bay |

Navio-museu Santo André, in *Brochura do Museu Museu Marítimo Ílhavo*, [20--]. 9 p. : il. ; 15x21 cm.
Imagem cedida pelo ©Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ílhavo. Imagoteca.
Santo André ship-museum, in the *Ílhavo Maritime Museum booklet*, [20--]. 9 p. : ill. ; 15x21 cm.
Courtesy of ©Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ílhavo. Imagoteca.

Embora fossem servidas em quantidades generosas, dependendo do humor do cozinheiro e do estado da despensa, as refeições a bordo dos navios bacalhoeiros não eram variadas. A escassez de produtos frescos impunha uma dieta à base de alimentos secos ou conservados em sal, uma alimentação muito pobre em legumes, frutas e carne fresca. Nas câmaras frigoríficas do navio dava-se prioridade ao isco. Tudo se organizava para o trabalho da pesca e tudo se sujeitava ao objetivo do armador. À ré, as refeições eram melhores do que no rancho. Até 1974, a bordo dos bacalhoeiros portugueses havia duas camas e duas mesas, de acordo com as hierarquias. A câmara dos oficiais consistia numa sala, situada na parte traseira da popa, com uma mesa de refeições que também servia de mesa de casa de navegação; aí se situavam os camarotes do capitão, dos oficiais de navegação e dos maquinistas. Em alguns navios, era na câmara dos oficiais que se encontrava a única casa de banho a bordo. A quantidade de água disponível também variava muito entre o «mundo dos oficiais» e o dos pescadores. No rancho, a distribuição de uma *depa* de água no final de uma longa jornada, apenas dava para os homens molharem a cara e as mãos. Um banho completo, só quando o navio arribasse no porto de St. John's, onde havia comodidades várias, incluindo a prostituição.

Though they were served in generous quantities, depending on the cook's mood and the state of the pantry, the meals aboard the cod ships were not varied. The scarcity of fresh products imposed a diet based on food that was either dried or preserved in salt: a diet very low in vegetables, fruit and fresh meat. In the ship's refrigerated chambers, priority was given to bait. Everything was organized in terms of the fishing and it was all was subject to the shipowner's main aim. Meals were better aft than in the mess deck. Until 1974, there were two beds and two tables on board the Portuguese cod fishing boats, according to the hierarchy. The officers' chamber consisted of a room, situated at the rear of the stern, with a dining table also serving as a table for a charthouse. The cabins of the captain, the navigation officers, and the machinists were also located there. On some ships, it was in the officers' chamber that the only toilet on board was found. The amount of water available also varied widely between the 'officers' world' and that of the fishermen. In the mess deck, the water jug that was passed around at the end of the long day barely served for the men to wet their hands and faces. For a complete wash, they had to wait until the ship docked at St. John's, where there was much available, including prostitution.

Os pescadores-marinheiros afastavam-se do «navio-mãe» centenas de metros, às vezes duas ou três milhas, e voltavam largas horas depois, quando carregados de bacalhau. O nevoeiro e os *icebergs* eram os grandes obstáculos a vencer. Menos árdua, a pesca por navios de arrasto, também salgadores, como se viu, tardou a impor-se no conjunto da frota portuguesa. Numa ou noutra arte, porém, a pesca do bacalhau fez-se um mito, escrito e alimentado pela ditadura salazarista, que tomou o bacalhau como o «pão dos mares», um alimento popular de crucial importância para garantir a paz social e evitar a desordem pública que tanto abalara a imagem da Primeira República.

A destreza apurada nas artes de pesca locais e costeiras e a transmissão do ofício de pescador de bacalhau de pais para filhos também explicam por que tantos homens se fizeram à «pesca da Terra Nova». A mobilização obrigatória para os navios em que os pescadores tivessem embarcado na campanha anterior (uma violência imposta por lei aquando da «greve da matrícula» de 1937), o sistema intensivo de organização do trabalho e de remuneração das tripulações explicam a estabilidade do recrutamento até ao começo dos anos sessenta. A emigração e as guerras coloniais mudaram o cenário. Ir ao bacalhau para livrar à «guerra de África» tornou-se uma decisão corrente, estimulada pelo Estado em condições especialmente duras para qualquer uma das opções de vida que se tomasse.

The fishermen-mariners left the 'mother ship' hundreds of metres, sometimes two or three miles, behind; only returning long hours later, when loaded with cod. Fog and icebergs were the biggest obstacles to overcome.

Less arduous, fishing by trawlers, which was also a salting vessel, as we have seen, took a long time to impose itself on the Portuguese fleet as a whole. Whatever the technique adopted, however, cod fishing became a myth, written and nurtured by the Salazar dictatorship, which took cod as the 'bread of the seas', a popular food of crucial importance to ensure social peace and prevent the kind of public disorder that had so shaken the image of the First Republic.

The dexterity in local and coastal fishing techniques and the handing down of the cod fisherman's craft from parents to children also explain why so many men chose 'Newfoundland fishing'. The mandatory mobilization of the vessels on which the fishermen had embarked in the previous campaign (a harsh measure imposed by law during the 1937 'registration strike'), the intensive system of work organization and crew remuneration explain the stability of recruitment until to the early sixties. Emigration and colonial wars changed the scenario. Going to fish for cod so as to escape the 'African War' became a frequent decision, encouraged by the State in conditions that were especially harsh for either of the professional choices made.



Lugre bacalhoeiro *Aviz* sob o nevoeiro da Terra Nova.
 Coleção Alan Villiers
 Imagem cedida pelo @Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ilhavo. Imagoteca/Alan Villiers
 pt/cdm/mm/mo/1073
 The cod schooner *Aviz* in Newfoundland fog.
 Courtesy of @Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ilhavo.
 Imagoteca/Alan Villiers

Os atores principais da crónica de Villiers são o próprio navio e os seus homens. Ao jeito de outras narrativas marítimas, o *Argus* e a sua gente fundem-se num único universo humano. Tal como os seus tripulantes (oficiais e pescadores), o navio é personificado, provido de uma alma grande que respeita e desafia as contingências do mar. O itinerário da crónica de Alan Villiers não traz surpresa. Segue os passos do *Argus*, desde o apresto e a triunfal largada em Belém, descrevendo o cerimonial religioso e profano da bênção do navio e dos demais veleiros da frota, às primeiras milhas de mar e aos primeiros ensaios de pesca no banco da Terra Nova. O roteiro é minucioso e documental.

The main figures in Villiers' chronicle are the ship itself and its men. Like other maritime narratives, the *Argus* and her people merge into a single human world. The ship lives, personified, alongside its crew (officers and fishermen), provided with a great soul that respects and faces the challenges of the sea. Alan Villiers' chronicle itinerary is not surprising. He follows in the wake of the *Argus*, from the readiness and triumphant departure in Belém, describing the religious and profane ceremonial of the blessing of the ship and of the other sailboats in the fleet, to the first miles of sea and the initial fishing trials in the Newfoundland bank. The script is thorough and documental.



A companhia do *Argus*.
Coleção Alan Villiers
Imagem cedida pelo ©Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ílhavo. Imagoteca/Alan Villiers
17/03/2011/11/10/1090
The crew of the schooner, *Argus*.
Courtesy of ©Museu Marítimo/Câmara Municipal de Ílhavo. Imagoteca/Alan Villiers



A BALEIA

WHALING

A dimensão assombrosa do maior mamífero do Planeta Azul e a empatia humana que lhe costumamos atribuir são imagens que dificultam qualquer exercício de memória histórica sobre a caça à baleia. Acresce o mito que, justamente, se criou em torno da faina da baleação e das mil peripécias que os baleeiros de várias gerações experimentaram. Seja como for, tal como sugere a grande literatura sobre a caça à baleia, trata-se de uma história transatlântica em que sobressaem dois epicentros narrativos: a Nova Inglaterra, na América do Norte, e as ilhas dos Açores, em pleno Atlântico. Faina épica do mar português, assim podemos considerar a caça à baleia na sua fase mais contemporânea — do seu apogeu, no começo do século xx, ao declínio, entre os anos setenta e oitenta.

The astonishing size of the largest mammal on the Blue Planet and the human empathy we usually attribute to it are images that make any exercise on historical memory about whaling difficult. There is also the myth that has been created around whaling work itself and the thousand adventures that whalers of different generations have experienced. In any case, as the great literature on whaling suggests, it is a transatlantic story in which two narrative epicentres stand out: New England, in North America, and the islands of the Azores, in the mid-Atlantic. An epic campaign on the Portuguese sea: this is how we can consider whaling in its most contemporary phase — from its heyday, in the early 20th century, to its decline, between the 70s and 80s.

Os aspetos dantescos dessa primitiva atividade, mais caça do que pesca, quase ocultam a dimensão humana do trabalho a bordo das pequenas chalupas e nas enseadas atlânticas das comunidades baleeiras. Sobre essa saga marítima há relatos detalhados, pelo menos desde o século xi, há cerca de mil anos, quando diversas comunidades costeiras, imitando a experiência dos Viquingues e de outros povos do «Grande Norte», encontraram nas baleias e cachalotes uma fonte de subsistência ou de negócio.

Uma história cultural da grande faina baleeira, em Portugal ou na América, vista do Atlântico Sul ou das paragens nórdicas mais setentrionais, não pode ignorar as ilhas açorianas e, em especial, a saga humana dos baleeiros do Faial e do Pico, «os últimos baleeiros». De um ou de outro ângulo geográfico e quaisquer que sejam as suas fontes narrativas, a memória da baleação enquanto faina épica do mar português (e de outros mares) reparte-se por dois tempos: o tempo das origens e da tradição ancestral da caça às baleias, da antiguidade romana e nórdica ao século xviii; e a época contemporânea, de meados do século xix ao terceiro quartel do século xx, quando a baleação costeira comercial atingiu o seu apogeu e conheceu o seu fim, nomeadamente nas ilhas dos Açores e da Madeira. Desse tempo ainda recente, ficou a lenda dos últimos baleeiros e o turismo cultural que a alimenta. A cada um desses ciclos históricos corresponde uma narrativa memorial que inclui traços específicos, ainda que hoje, com a educação ambiental que temos ou julgamos ter,

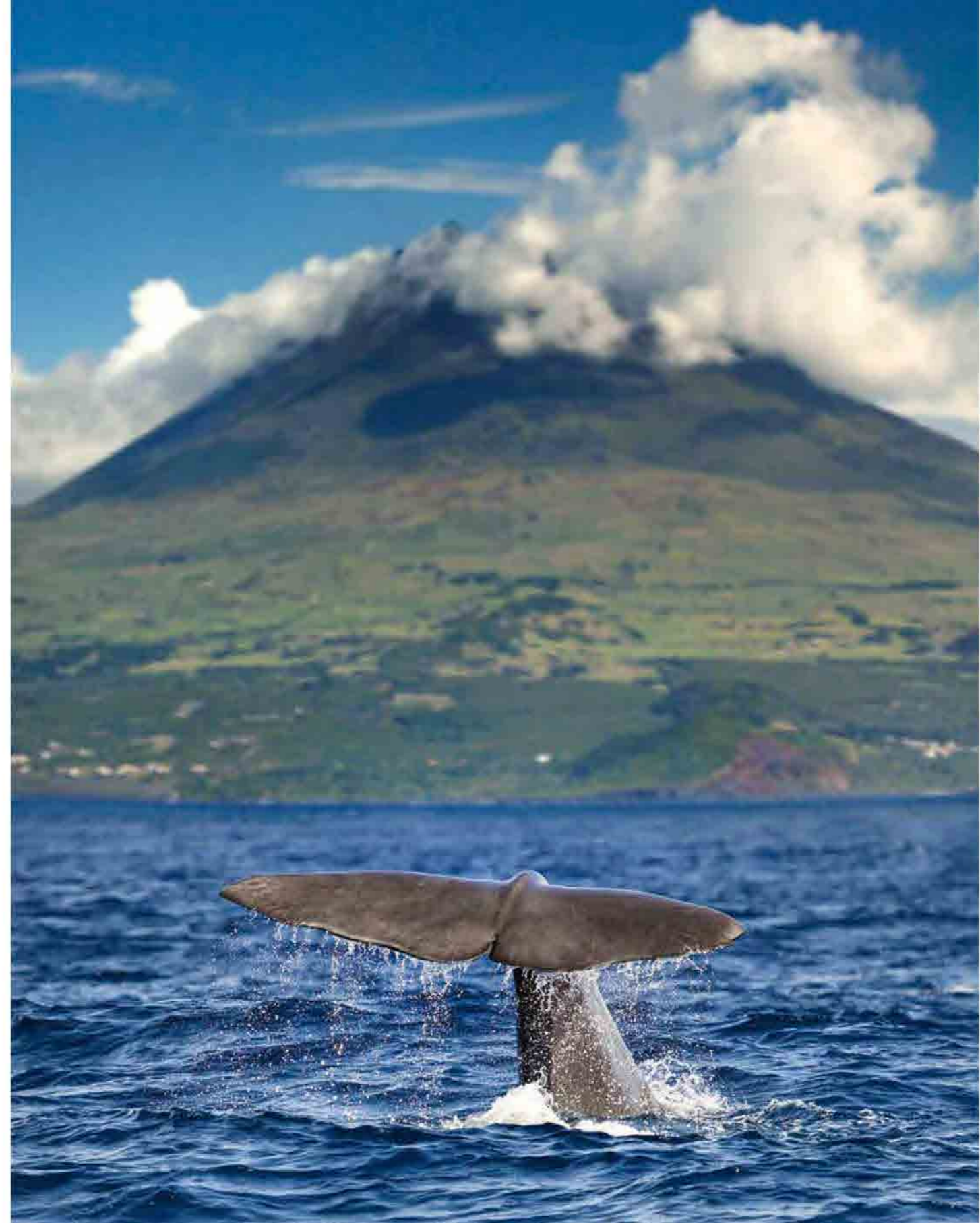
The Dantesque aspects of this primitive activity, more hunting than fishing, almost hide the human dimension of the work aboard the small sloops and in the Atlantic inlets of the whaling communities. Detailed accounts of this maritime saga go back to at least the 11th century, about a thousand years ago, when several coastal communities, following the experience of the Vikings and other peoples of the 'Great North', found a source of livelihood or trade in whales and, especially, the sperm whale.

A cultural history of major whaling, in Portugal or in America, seen from the South Atlantic or the most northerly regions, cannot ignore the Azorean islands and, in particular, the human saga of the whalers of Faial and Pico: 'the last whalers'. From whatever geographical angle or its narrative source, the memory of whaling as an epic campaign on the Portuguese sea (and others is presented in two phases. There is the time of its origins and the ancestral tradition of hunting whales, from ancient Rome, the Norsemen and up until the 18th century; and the contemporary period, from the mid-19th century to the 1970s, when commercial coastal whaling reached its peak and came to an end, namely in the Azores and Madeira. From that still recent time, the legend of the last whalers and the cultural tourism that feeds it remains. Each of these historical cycles corresponds to a memorial narrative that includes specific features, although today, with the environmental education we have or believe we have, whaling is subject to unanimous censure, given the triumphalist aesthetic — epic, but undoubtedly cruel or even Dantesque — of its most common images.

A partir de 1712, na ilha de Nantucket, no Massachussetts, foi apurada uma indústria artesanal de caça ao cachalote cujo óleo servia de fonte de iluminação das cidades da Nova Inglaterra. O espermacete era usado no fabrico de velas. Na costa atlântica norte-americana, a indústria artesanal da baleação já era muito expressiva na segunda metade do século XVIII, mas as Guerras da Revolução levaram a uma perda significativa de frotas baleeiras e a um refluxo da atividade, que depois recuperou e conheceu uma rápida expansão a partir de New Bedford.

A vantagem cultural dos Açores e a sua participação na saga dos baleeiros norte-americanos deve-se, em primeiro lugar, à geografia do belíssimo arquipélago e à velha prática de navegações transatlânticas. No capítulo xxvii de *Moby Dick*, referindo-se à intensa atividade de baleação que tinha lugar nos portos e enseadas da Nova Inglaterra, Melville explica o essencial dessa história de intercâmbios marinhos: «Muitos desses caçadores de baleias são originários dos Açores, onde os navios baleeiros de Nantucket que se dirigem a mares distantes atracam frequentemente para reforçar a tripulação com os intrépidos camponeses dessas costas rochosas. Não se sabe bem porquê, mas a verdade é que os ilhéus são os melhores caçadores de baleias». «Intrépidos camponeses» seriam, então, os caçadores de baleias açorianos que, já no século XIX — Melville escreve em 1851 —, integravam tripulações de navios norte-americanos, que os vinham recrutar e embarcar nas ilhas de onde nunca haviam saído.

From 1712, on the island of Nantucket, in Massachusetts, a traditional sperm whaling industry was established, whose oil helped to illuminate New England. Spermaceti was used in the manufacture of candles. On the North American Atlantic coast, the traditional whaling industry was already very much underway in the second half of the 18th century, but the Revolution led to a significant loss of whaling fleets and reduced activity. There was, however, later recovery and rapid expansion from New Bedford. The cultural advantage of the Azores and its participation in the saga of the North American whalers is primarily due to the geography of the beautiful archipelago and to the old practice of transatlantic navigation. In chapter xxvii of *Moby Dick*, referring to the intense whaling activity that took place in the ports and inlets of New England, Melville explains the essentials of this history of marine exchanges: No small number of these whaling seamen belong to the Azores, where the outward bound Nantucket whalers frequently touch to augment their crews from the hardy peasants of those rocky shores. (...) How it is, there is no telling, but Islanders seem to make the best whale men. These were the Azorean whale hunters who, already in the 19th century — Melville was writing in 1851 —, were part of the crews of the North American ships who came to recruit. The “hardy peasants” would then embark and leave the islands for the first time ever.



Cachalote, Ilha do Pico, Açores.
Sperm whale, Pico, The Azores.

Cachalote rebocado para desmancho.
Museu Nacional de Etnologia / DGPC
Sperm whale towed for cutting.



© Ruy Cinatti/Açores

O primeiro contrato de baleação costeira açoriana foi assinado, precisamente, entre um antigo oficial de baleeiras americanas, o mestre Anselmo da Silveira, do Pico, e Samuel W. Dabney, em 1876. Por esses anos, enquanto os açorianos não eliminaram a dependência de capitais e de botes importados da América — só mais tarde seria criado, por adaptação engenhosa de um antigo baleeiro do Pico, o protótipo do «bote baleeiro açoriano» —, as armações eram constituídas assim: os americanos entravam na sociedade com a frota, a palamenta dos botes e todo o equipamento de tratamento dos cetáceos, cujo valor depois era amortizado com a entrega do azeite (dos óleos) aos americanos, que a Casa Dabney «baldeava» para os EUA, aproveitando a viagem de regresso dos navios baleeiros.

Os caçadores-pescadores eram quase todos do Pico, terra pobre e vulcânica cuja gente precisava de sustento. Imitando os métodos americanos e aproveitando o impulso dos Dabney e de outros armadores que, entretanto, surgiram, as armações multiplicaram-se. No começo do século xx, o Ministério da Marinha promulgou os primeiros regulamentos da atividade. Ainda que tivessem de ser sociedades comerciais, boa parte das armações eram pequenas e tinham apenas dois botes. No entanto, depois de 1909 algumas armações passaram a incluir lanchas a motor, as «gasolinas», o que permitia rebocar as canoas mais depressa e trazer, sem dificuldade de maior, os cachalotes mortos até aos portos e enseadas de processamento. Nesse período, só no Faial havia catorze armações.

The first Azorean coastal whaling contract was actually signed between a former American whaling officer, Anselmo da Silveira, a master from Pico, and Samuel W. Dabney, in 1876. While the Azoreans were still partly dependent on capital and boats imported from America during this period — only later would the prototype of the 'Azorean whaleboat' be created, by ingeniously adapting an old Pico whaler —, the business was organised as follows: the Americans were in partnership with the fleet, equipping the boats and providing the tackle for the treatment of the whales. This outlay was then repaid through delivering the oils to the Americans, which Dabney & Sons 'transferred' to the USA, taking advantage of the whaling ships' return journey. The hunter-fishermen were almost all from Pico, a poor and volcanic island whose people needed sustenance. Imitating American methods and taking advantage of the momentum of the Dabneys and other shipowners that had appeared in the meantime, the whaling businesses multiplied.

At the beginning of the 20th century, the Ministry of the Navy promulgated the first whaling regulations. Although they had to be commercial companies, most of the whalers only had two boats. After 1909, however, some began to include motor launches, the *gasolinas* (petrol fuelled vessels), which meant towing the canoes more quickly and, without great difficulty, bringing the dead sperm whales to the ports and processing bays. During this period, in Faial alone there were fourteen whaling companies.

Varagem de bote baleeiro,
Lajes do Pico.
Museu do Pico
Bringing a whaleboat ashore,
Lajes do Pico



Não por acaso, durante largos anos havia nas ilhas açorianas dois tipos de baleeiros: os que vinham dos Estados Unidos da América em pequenas goletas para caçar baleias nos mares ilhéus e cujas tripulações incluíam gente de vários países, por norma homens de grande rudeza; e os pescadores ou caçadores das ilhas, muitas vezes emigrantes de origem rural que retornavam aos Açores para se dedicarem à caça da baleia, dado que a única alternativa de trabalho nas ilhas era o trabalho agrícola. Ilha pobre e cheia de obstáculos naturais ao cultivo, o Pico encontrou na baleação americana e, depois, na baleação sedentária açoriana uma oportunidade de sustento para muitas famílias de pescadores e camponeses.

As chalupas baleeiras, botes baleeiros ou simplesmente baleeiras eram embarcações muito elegantes e esguias. A sua ergonomia de construção habilitava-as a navegar com boa velocidade de forma a poderem perseguir os cachalotes, arpoando-os e matando-os. Eram barcos de boca aberta, nunca com mais de dois metros de boca, com propulsão a remos e à vela. Nesta como noutras grandes fainas do mar, criou-se uma competição acesa entre os construtores de embarcações e exaltou-se o protótipo daquelas que vingaram, fosse pelo rigor de formas fosse porque melhor se adaptavam às exigências da grande caçada.

For many years, there were two types of whalers on the Azorean islands. One came from the USA in small gulets to hunt whales in the island seas. Their crews included men from various countries, who were usually quite rough and ready.

The other type were fishermen or hunters from the islands, often emigrants of rural origin who returned to the Azores to dedicate themselves to whaling, given that the only alternative work on the islands was agricultural labour. A poor island and full of natural obstacles to farming, Pico found an opportunity to make a living for many families of fishermen and rural people in American whaling and, later, in Azorean sedentary whaling.

Whaling sloops and whaleboats were light-weight and very elegant. Their construction ergonomics enabled them to hunt the sperm whales swiftly, harpooning and killing them. They were open boats, never more than 2 m wide, with oar and sail propulsion. In this, as in other major sea campaigns, the various boat builders were fiercely competitive and the prototype of those that did well was extolled, either because of the rigour of their shape or because they were better adapted to the demands of the big hunt.



© PHOTOSIA SIAMAM.caberes.gov.pt

Fábrica da Baleia de Porto Pim. Sala Patrão Manuel. Localiza-se no andar superior da Casa das Autoclaves e apresenta as tampas das autoclaves por onde era introduzido o toucinho para extração do óleo. De momento, este espaço aloja um esqueleto real de cachalote.

The Patrão Manuel Room at the Porto Pim Whale Factory. Located on the upper floor of the Casa das Autoclaves, it features the lids of the autoclaves where the blubber was put to extract the oil. This space currently houses a real sperm whale skeleton.



A pesca do atum na costa do Algarve é uma atividade muito antiga, cuja memória é escassa, mas ainda assim lendária.

Como notou Orlando Ribeiro na sua *Geografia de Portugal*, «o atum é especial ao Algarve, onde a tranquilidade das águas, abrigadas do Norte, permite com êxito o emprego das armadilhas fixadas ao fundo».

A pesca do atum, através de armadilhas fixas, as antigas almadras, também foi praticada noutras zonas da costa portuguesa, em especial junto a Sesimbra e a Cascais, mas foi na costa algarvia que ela ganhou maior expressão.

Nas comunidades de pescadores da cidade mourisca de Tavira e noutros portos de pesca do sotavento algarvio, a memória social da faina do atum ainda é forte, mas apenas junto dos pescadores mais velhos e das sucessivas gerações de homens e mulheres das armadilhas e arraiais. Embora o barlavento algarvio — Lagos,

Tuna fishing on the Algarve coast is an ancient activity. Its memory may have faded, but it is still legendary.

As Orlando Ribeiro noted in his *Geografia de Portugal*, “tuna is special to the Algarve, where the calm waters, sheltered from the North, allow for traps fixed to the bottom to be used successfully”.

Tuna fishing using fixed traps — the old *almadravas* — was also practised in other areas along the Portuguese coast, especially near Sesimbra and Cascais, but it was on the Algarve coast that it really made its mark.

In the fishing communities of the Moorish town of Tavira and other fishing ports in the eastern Algarve, the social memory of tuna fishing is still strong, but only among older fishermen and successive generations of trap and camp men and women. Although the western Algarve — Lagos, in particular — was the pioneer tuna

em particular — tenha sido a região pioneira da pesca do atum, as armadilhas lançadas na costa de Tavira foram aquelas que sobreviveram durante mais tempo e as últimas a desaparecer, entre os anos sessenta e setenta do século xx. Subestimada pelos poderes públicos e instituições de cultura e ciência, a herança patrimonial da pesca do atum tende a ser invocada no mais vulgar turismo de praia, em restaurantes e hotéis, através de imagens fotográficas ou de apontamentos filmicos que se limitam a registar a dimensão sobre-humana da grande faina. Invariavelmente, essas invocações de imagem colocam em evidência os aspetos épicos da pesca do atum, em particular o momento do copejo, quando os peixes indefesos eram garfados de morte, deixando um mar de sangue que podia ir de Tavira a Monte Gordo. História fantástica, que hoje parece irreal e vernácula, as armadilhas atuneiras eram um mundo em si mesmo. O ciclo dos atuns, nas suas migrações e caprichos ambientais, marcava o trabalho em terra e no mar e moldava a estrutura social das comunidades de pescadores. Apesar das novas perspetivas que a história ambiental dos oceanos tem inscrito no conhecimento das atividades marítimas, tomando em devida conta as interações humanas com os recursos naturais e os efeitos antropogénicos das grandes pescarias, o mito da pesca do atum fez o seu caminho e ficou. Persistem as suas imagens indelévels, demasiado obstinadas em exaltar um certo domínio triunfal do homem sobre os animais marinhos; do trabalho e da técnica sobre o meio haliêutico.

fishing region, the traps located off the coast of Tavira were those that survived the longest and were the last to disappear, between the 1960s and 70s.

Underestimated by public authorities and cultural and scientific institutions, tuna fishing heritage tends to be invoked in the most common beach tourism, in restaurants and hotels, through photographic images or filmic notes that are limited to recording the superhuman dimension of the great campaign. Invariably, these images bring the epic aspects of tuna fishing to the fore, in particular the moment of *copejo*, when the helpless fish were gaffed to death, leaving a sea of blood that could go from Tavira to Monte Gordo.

An extraordinary story, today seeming harshly unreal, tuna campaigns were a world unto themselves. The tuna cycle, in its migrations and environmental whims, marked the work on land and at sea and shaped the social structure of fishing communities.

Despite the new perspectives that the environmental history of the oceans has provided on the knowledge of maritime activities, taking due account of human interaction with natural resources and the anthropogenic effects of large fisheries, the tuna fishing myth made its way and has remained. Its indelible images persist, rather too obstinate in exalting a certain triumphal domination of man over marine animals; of work and technique over the fisheries.

Quer a armação quer o arraial assentavam numa cuidada divisão do trabalho a que correspondia uma semântica rica e complexa. Uma vez lançada a armação, organizava-se o trabalho e os serviços. A companhia era dividida em dois turnos ou «giros»: o «giro de terra» e o «giro de mar». Organizado segundo uma hierarquia de responsabilidades, o arraial ficava instalado junto à praia, de ano a ano, para organizar dia e noite a faina do atum. Por razões práticas, o arraial situava-se no enfiamento das armações, cujo copo ficava instalado a quatro ou cinco milhas da costa. Na zona de Tavira, devido à existência da Ria e às diversas ilhas das imediações, alguns arraiais foram instalados em sítios isolados, de difícil acesso e juntinho ao mar, ficando sujeitos a intempéries. Assim sucedeu, por exemplo, com o arraial Ferreira Neto, no lugar das Quatro Águas, em Tavira, que é hoje um edifício classificado e um hotel temático que procura preservar a memória da pesca do atum. O arraial tinha uma parte industrial, constituída por armazéns e oficinas, e outra habitacional, onde viveram cento e cinquenta famílias de pescadores. Replicando o modelo das «fábricas sociais» do século XIX, incluía escola, capela, mercearia e posto médico, com marcas evidentes do estilo «Raul Lino», que fixou um certo modelo de casa portuguesa associado ao gosto do Estado Novo. Projeto ousado e moderno, de autoria do engenheiro José Sena Lino, foi construído em 1943 para suceder ao arraial antigo da mesma armação, que fora instalado na praia do Medo das Cascas, na Ilha de Tavira. As condições de vida e de trabalho deste arraial eram bem melhores do que as dos velhos arraiais, onde nem sequer havia instalações sanitárias.

There was a careful and complex division of labour at sea and on land. Once the trap was set, the work and support services were organized. The fishermen were divided into two shifts or 'turns': the 'land turn' and the 'sea turn'. Set up according to a hierarchy of responsibilities, the camp was set up next to the beach, from year to year, to organize the tuna work day and night. For practical reasons, the camp's location was aligned with the traps, whose *copo* was installed four or five miles from the coast. In the Tavira area, due to the Ria, or lagoon, and the various islands in the surroundings, some camps were in isolated places, difficult to get to, very close to the sea, and subject to bad weather conditions. This happened, for example, with the Ferreira Neto camp, in Quatro Águas, in Tavira, which is today a listed building and a themed hotel seeking to preserve the memory of tuna fishing. The camp had an industrial part, consisting of warehouses and workshops, as well as accommodation for 150 fishing families. Replicating the 19th century 'social factory' model, it included a school, chapel, grocery store and medical post, with obvious marks of the 'Raul Lino' style, which established a certain Portuguese house model in keeping with *Estado Novo* taste. A daring and modern project, designed by the engineer José Sena Lino, it was built in 1943 to replace the old camp with the same structure, which had been installed on Medo das Cascas beach, on Tavira Island. The living and working conditions in this camp were much better than those in the former ones, where there were not even sanitary facilities.

Antigo edifício do Arraial Ferreira Neto.
Foi uma estrutura de apoio às armações de pesca do atum, localizada nas Quatro Águas, Tavira.
Former Ferreira Neto Camp building. It was a support structure for the tuna fishing campaigns, located in Quatro Águas, Tavira.



© GeoTravel/Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

Os catalães continuavam a ser os grandes importadores de atum do Algarve para o venderem em Barcelona e por todo o Mediterrâneo. Lagos, Tavira, Faro e a Fuseta eram as comunidades costeiras que concentravam as nove armações que ficaram. Sem demora, a ação da Companhia começou a ser contestada, nomeadamente porque o Estado impôs restrições à mobilidade de matrícula dos pescadores, de forma a reter a mão de obra, que ainda assim ia fugindo para os barcos andaluzes. As armações pertencentes à fazenda Real, e o respetivo património, foram entregues à Companhia que, entretanto, por conta própria lançou várias armações, de Lagos a Tavira, algumas de vida curta.

Atuando numa lógica mercantilista, é certo que a Companhia atraiu alguns capitais de homens de negócios de Lisboa; foram-lhe concedidos privilégios e garantias, e reduzidos os direitos sobre o pescado. Ainda assim, nas vésperas do liberalismo, os resultados da empresa majestática eram parcos, o contrabando de peixe persistia, as leis e os interditos eram mais do que nunca e, por isso, alguns interesses algarvios contestavam-na de forma veemente. Junto à costa, as artes de pesca estorvavam-se mutuamente e os conflitos eram frequentes.

The Catalans continued to be the major importers of Algarve tuna to sell in Barcelona and throughout the Mediterranean. The remaining nine operations were based in the coastal communities of Lagos, Tavira, Faro and Fuseta. Without delay, the Companhia's action began to be challenged, namely because the State imposed restrictions on the mobility of fishermen's registration, in order to retain man power, which was still flocking to Andalusian boats. The operations belonging to the Royal estate, and the respective assets, were handed over to the Companhia, which, in the meantime, launched various operations on its own initiative, from Lagos to Tavira, although some were short-lived.

Operating in a mercantilist logic, it is true that the Companhia attracted some capital from Lisbon businessmen. It was granted privileges and guarantees, and rights over the catch were reduced. Even so, on the eve of liberalism, the results of the majestic enterprise were meagre, fish smuggling persisted, there were more laws and bans than ever and, therefore, some interests in the Algarve vehemently contested it. Along the coast, rival fishing operations hindered each other and conflicts were frequent.

Lutadores.
Fisgando um atum com o bicheiro.
Arquivo Municipal de Lisboa.
ART050217
Fighters.
Hooking a tuna with the gaff.



Pescadores a puxar da água um atum para o barco.
Fishermen pulling a tuna out of the water and into the boat.



